

Universidade Estadual de Maringá
Centro de Tecnologia
Departamento de Informática
Curso de Engenharia de Produção

**A Importância da Formação do Profissional do Setor Têxtil
da Confecção do Vestuário – O Profissional que se
Necessita**

Vanessa Carnelozzi

TG-EP-66-2007

Maringá - Paraná
Brasil

Universidade Estadual de Maringá

Centro de Tecnologia
Departamento de Informática
Curso de Engenharia de Produção

**A Importância da Formação do Profissional do Setor Têxtil
da Confecção do Vestuário – O Profissional que se
Necessita**

Vanessa Carnelozzi

TG-EP-66-2007

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Engenharia de Produção, do Centro de Tecnologia, da Universidade Estadual de Maringá.
Orientador: Prof. Dr. Gilberto Clóvis Antonelli.

Maringá - Paraná
2007

Vanessa Carnelozzi

A Importância da Formação do Profissional do Setor Têxtil da Confecção do Vestuário – O Profissional que se Necessita

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Engenharia de Produção da Universidade Estadual de Maringá, pela comissão formada pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Clóvis Antonelli
Departamento de Engenharia Têxtil

Prof^a). Maria de Lourdes Santiago Luz
Departamento de Informática, CTC

Maringá, outubro de 2007

DEDICATÓRIA

Dedico o esforço deste trabalho aos meus avós e meu irmão, pois sem o apoio destes nada seria possível, nenhum objetivo seria alcançado, nenhuma realização faria sentido.

RESUMO

Este estudo tem por objetivo investigar o processo de formação do profissional do setor têxtil da confecção do vestuário do Estado do Paraná, por meio do trabalho realizado pelas escolas de formação técnica e superior do Estado e especificar qual o perfil atual do profissional procurado e exigido pelas empresas. O processo de investigação foi desenvolvido através de um estudo de caso, realizando-se um questionário junto às empresas, coordenadores e ex-coordenadores de cursos das instituições de ensino, alunos egressos e alunos atuais dessas instituições. A preocupação maior foi descobrir se essa formação oferecida pelas instituições vem de encontro às necessidades do empregador e se com os conhecimentos adquiridos os profissionais encontram dificuldades para realizar os trabalhos exigidos, ficando assim um questionamento sobre o currículo ou métodos dos cursos oferecidos no Estado atualmente. Diante destes fatos, questionou-se sobre as expectativas quanto ao ensino, profissão e crescimento do setor. Também foi realizado um breve estudo de caráter histórico sobre o processo da industrialização da confecção do vestuário e sobre a formação do profissional desse setor no Brasil, para melhor localizar os elementos da pesquisa.

Palavras-chave: Formação do Profissional, Setor Têxtil da Confecção do Vestuário.

SUMÁRIO

RESUMO.....	v
SUMÁRIO.....	vi
LISTA DE GRÁFICOS.....	vii
LISTA DE TABELAS.....	viii
LISTA DE QUADROS.....	ix
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	x
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	2
2 A INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO NO BRASIL	4
2.1 HISTÓRICO DA INDUSTRIALIZAÇÃO DO VESTUÁRIO NO BRASIL.....	4
2.2 A ATUAL INDÚSTRIA BRASILEIRA DO VESTUÁRIO.....	6
2.3 HISTÓRICO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL.....	8
2.4 FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA CONFECÇÃO NO BRASIL	9
2.5 A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL PARA O SETOR DA CONFECÇÃO E VESTUÁRIO NO PARANÁ.....	11
3 ESTUDO DE CASO	12
3.1 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	12
3.1.1 <i>Caracterização da pesquisa</i>	13
3.1.2 <i>Coleta de dados</i>	13
3.1.3 <i>Indústrias pesquisadas</i>	15
3.1.4 <i>Profissionais pesquisados</i>	16
3.1.5 <i>Instituições pesquisadas</i>	16
3.1.6 <i>Alunos pesquisados</i>	17
4 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS	18
4.1 O QUE DIZEM AS EMPRESAS	18
4.2 O QUE DIZEM OS PROFISSIONAIS.....	20
4.3 O QUE DIZEM AS INSTITUIÇÕES.....	23
4.4 O QUE DIZEM OS ALUNOS.....	26
5 CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS.....	34
BIBLIOGRAFIA.....	35
APÊNDICE A.....	36
APÊNDICE B.....	39
APÊNDICE C.....	42
APÊNDICE D.....	45
APÊNDICE E.....	47

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: GERAÇÃO DE EMPREGOS FORMAIS (TOTAL ANUAL).....	7
GRÁFICO 2: NÍVEL DE SATISFAÇÃO EM RELAÇÃO A OS PROFISSIONAIS DA CONFECÇÃO POR ORDEM DE QUESTIONÁRIO.....	29

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: EVOLUÇÃO DO EMPREGO NO BRASIL – 2007.....	7
---	---

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: BLOCOS TEMÁTICOS A BORDADOS.....	14
QUADRO 2: QUESTÕES VOLTADAS ÀS INDÚSTRIAS.....	18
QUADRO 3: QUESTÕES VOLTADAS AOS PROFISSIONAIS.....	21
QUADRO 4: QUESTÕES VOLTADAS ÀS INSTITUIÇÕES.....	23
QUADRO 5: QUESTÕES VOLTADAS AOS ALUNOS.....	26

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIT	ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL
ABRAVEST	ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO VESTUÁRIO
CESUMAR	CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ
CIEE	CENTRO DE INTEGRAÇÃO EMPRESA-ESCOLA
FIEP	FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO PARANÁ
IEL	INSTITUTO EUVALDO LODDI
MEC	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
MTE	MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO
PROE	PROGRAMA DE COMPLEMENTAÇÃO EDUCACIONAL
SEBRAE	SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS PEQUENAS EMPRESAS
SENAI	SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL
UEL	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
UEM	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
UNICENP	CENTRO UNIVERSITÁRIO POSITIVO
UNIPAR	UNIVERSIDADE PARANAENSE
UNISEP	UNIÃO DE ENSINO DO SUDOESTE DO PARANÁ
UTP	UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

1 INTRODUÇÃO

O setor industrial da confecção do vestuário do Brasil, em especial do Estado do Paraná, vem apresentando ao longo dos últimos anos, sinais de crescimento significativos. A criação de um Pólo Têxtil na Região Norte do Estado, o surgimento de cursos superiores e técnicos voltados a essa área e a divulgação da imprensa, fez com que surgisse a necessidade de um estudo sobre os profissionais que atuam nesse setor, das suas reais qualificações e preparação, e da atual demanda das empresas no que tange a profissionalização.

As pesquisas sempre se preocuparam em mostrar dados estatísticos econômicos envolvendo questões como demografia, número de postos de trabalho, faturamento das empresas, investimentos de infra-estrutura, etc., sem a preocupação de checar a qualidade da formação profissional voltada para este setor.

Para que haja um crescimento consistente desse setor da indústria, que também é de suma importância para o país, é necessário que existam profissionais preparados para comandar e ocupar cargos dentro dessas empresas. Conseqüentemente, é preciso que as instituições de ensino estejam cientes das necessidades do mercado, para assim poder oferecer um profissional capacitado e preparado que venha de encontro à demanda do setor.

Somente a partir de um estudo sobre os profissionais que estão sendo formados e se estes atendem às expectativas do setor da confecção do vestuário é que se poderá avaliar se o processo de educação profissional está sendo satisfatório, tanto para as empresas como para os alunos egressos das instituições.

Assim, este trabalho teve como objetivo principal, investigar o processo de formação do profissional do setor têxtil da confecção do vestuário da região Noroeste do Estado do Paraná, por meio do trabalho realizado pelas escolas de formação técnica, tecnológica e superior do estado e especificar qual o perfil atual do profissional procurado e exigido pelas empresas, bem como, investigar qual é o processo adotado para a formação deste profissional. Procurou-se também, determinar a colaboração dessas instituições no desenvolvimento e qualificação do profissional da confecção do vestuário, e qual a importância da formação deste profissional

no desenvolvimento do setor do vestuário paranaense e brasileiro, especificando qual o perfil do profissional procurado e exigido pelas empresas atualmente.

Diante dos fatos apresentados e de outros fatores relacionados à macroeconomia, como, por exemplo, a concorrência internacional, pode-se dizer que este é um setor que poderia ser maior e empregar muito mais pessoas, não fosse o baixo investimento em aquisição de conhecimento, a qualificação e o aprimoramento profissional dos trabalhadores, tanto dos ligados diretamente à produção quanto dos responsáveis pela gestão dessas empresas.

1.1 Estrutura do Trabalho

Para apresentar os resultados dessa pesquisa, esse trabalho foi organizado em cinco capítulos. O Capítulo 1 faz uma introdução sobre o conteúdo do trabalho, os motivos pela escolha do tema, e os objetivos gerais e específicos a serem alcançados com a realização deste. No Capítulo 2 é apresentado um histórico sobre a profissionalização e a industrialização do vestuário no Brasil e também alguns indicadores atuais da indústria do vestuário paranaense, visando oferecer dados sobre a realidade da indústria têxtil do vestuário no país e a atual situação deste setor industrial no Paraná. Foi dado destaque ao passado histórico com relevância a fatos que contribuíram para a situação atual do setor, convergindo para o processo de formação de profissionais para o segmento em questão.

O Capítulo 3 apresenta os procedimentos metodológicos, incluindo a caracterização da pesquisa, o método utilizado, sua justificativa, o processo de coleta de dados e da aplicação dos questionários e das entrevistas, além da caracterização das indústrias, profissionais, cursos e alunos pesquisados.

No Capítulo 4 são apresentados os resultados e feita a análise dos dados obtidos junto as empresas, profissionais, instituições e alunos, respectivamente, incluindo também, quadros que contêm algumas das perguntas mais relevantes e respostas dadas pelos entrevistados, para assim obter uma visão geral de cada tópico do presente capítulo.

Ao final, no Capítulo 5, são apresentadas as conclusões, reflexões e proposições relacionadas ao trabalho realizado, sendo também estabelecidas propostas de novas investigações e algumas considerações gerais sobre as questões analisadas.

2 A INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO NO BRASIL

Como parte importante para a composição deste trabalho, foi necessário um estudo sobre a origem da industrialização do vestuário no Brasil e conseqüentemente sua evolução até os dias atuais.

2.1 Histórico da Industrialização do Vestuário no Brasil

Um dos marcos do início da industrialização no Brasil foi o processo de desenvolvimento têxtil e do vestuário. Este processo se constituiu de quatro fases, onde pode-se compreender melhor a história do setor.

A primeira fase, a “fase dos artesanatos”, se estendeu pelo período colonial até os primeiros anos do Império, onde fiar, tecer e preparar as roupas domésticas eram ofícios exclusivos das mulheres. O interesse de Portugal em civilizar a colônia, fez com que surgissem as primeiras tecelagens. De acordo com Bardi (1981, p. 124), “civilizar, então, era também vestir e, portanto necessário existir tecidos”.

No fim do século XVIII as manufaturas domésticas se organizaram e num sistema pré-industrial, formaram as primeiras tecelagens. A metrópole estabelecia as diretrizes econômicas para a Colônia, o que fazia com que o crescimento industrial local ficasse sujeito a estímulos ou restrições estabelecidos pelos interesses da política comercial travada com outros países. Esse período foi marcado por medidas restritivas que prejudicaram o desenvolvimento industrial do país, como, por exemplo, o Alvará de 1785 de D. Maria I, que tem por diretriz o fechamento de todas as fábricas de tecidos mais finos de algodão, lã e outras fibras, com exceção daquelas que fabricavam os mais grosseiros. Segundo Rubega e Pacheco (2006, p. 152), “era uma tentativa de Portugal de evitar que a abertura de fábricas e manufaturas pudesse vir a diminuir o número de braços que trabalhavam na extração de minérios e pedras preciosas, que eram encaminhadas para a corte portuguesa”. Esse Alvará foi revogado, mas a “abertura dos portos às nações amigas”, também afetou o desenvolvimento

do setor, pois tal medida favorecia principalmente a Inglaterra através da importação de seus tecidos que tinham lugar de destaque.

Mais tarde, com a imposição de tarifas alfandegárias maiores aos produtos importados, é que houve um maior estímulo à industrialização nacional para o ramo têxtil, marcando assim a segunda fase, que corresponde à implantação, ou seja, transforma-se em indústria têxtil.

[...] o processo de industrialização não se deu de imediato; ele foi lento, podendo ser considerado o período de 1844 até 1913 como fase de implantação da indústria no Brasil. Em 1864, o Brasil já tinha uma razoável cultura algodoeira, matéria-prima básica da indústria têxtil, mão-de-obra abundante e um mercado consumidor em crescimento. Assim, em 1864 estariam funcionando no Brasil 20 fábricas, com cerca de 15.000 fusos e 385 teares. Menos de 20 anos depois, ou seja, em 1881, aquele total cresceria para 44 fábricas e 60.000 fusos, gerando cerca de 5.000 empregos. Nas décadas seguintes, houve uma aceleração do processo de industrialização e, às vésperas da I Guerra Mundial, contávamos com 200 fábricas, que empregavam 78.000 pessoas. (TEXTÍLIA, 2007)¹.

O momento da consolidação industrial, a terceira fase, foi de 1913 até 1950, período de estagnação industrial na Europa tendo o Brasil como seu maior importador, e que assim facilitou a produção em massa no país. Ainda segundo a Textília (2007), em 1919 a indústria têxtil contava com cerca de 105.000 trabalhadores, representando 38,1% do contingente empregado na indústria de transformação da época. Foi quando o Brasil começou a exportar e a negociar com mercados importantes como Estados Unidos e Europa. O fim desse período foi marcado pela grande retração das exportações e pelo obsoletismo das máquinas fabris.

O início da quarta fase, ou seja, o momento atual, se deu em meados de 1950 com a retomada das exportações brasileiras e dando um salto de US\$ 42 milhões em 1970 para US\$ 535 milhões em 1975, aumentando gradativamente até atingir a marca de US\$ 1,5 bilhão em 1992. A partir das necessidades de concorrer no mercado internacional, começou a investir em equipamentos de última geração e apesar da quebra de muitas indústrias de fiações e tecelagens, outras novas surgiram, sendo o setor que mais cresce. Segundo a *Federação das Indústrias do Estado do Paraná - FIEP* (ANÁLISE, 2007), no Paraná, em 2001, o crescimento foi de 141,87% em relação ao ano anterior.

¹ Textília é um periódico especializado no setor da têxtil e do vestuário.

2.2 A Atual Indústria Brasileira do Vestuário

Quando os norte-americanos, no século XX, adaptaram a produção da indústria da confecção ao sistema fordista, isto é, a linha de produção seriada em grande escala, houve uma simplificação no desenho das peças, o que facilitou o aumento da produção e gerou maior lucratividade. Assim descobriu-se o *casual wear*², que destaca “as vantagens dos modelos simples onde se aliavam estética e conforto, que tanto podiam ser usados em separado como em conjunto, que se prestavam a combinações por já estarem perfeitamente adaptados à realidade industrial da produção em série”, como expressa Vincent-Ricard (1989).

Atualmente as técnicas de produção em larga escala, bastante difundidas, são somadas ao constante desenvolvimento tecnológico que facilitam e às vezes até mesmo dispensam os trabalhos humanos anteriormente desenvolvido pelos antigos alfaiates. No Brasil, segundo a *Associação Brasileira do Vestuário - ABRAVEST* (2007), em 2003, “o parque industrial brasileiro totalizava cerca de 875.000 máquinas, tendo sido descartadas nos últimos três anos 165.000 unidades e adquiridas outras 232.000”. Essas máquinas são em sua maioria dotadas de acessórios auxiliares, sendo consideradas de segunda geração. As de terceira geração executam automaticamente o processo de costura e também estão sendo introduzidas na indústria, porém em menor número devido ao elevado custo.

A entrada dessas máquinas incorporou as técnicas do alfaiate e o transformaram em simples abastecedor de máquina, quando anteriormente o seu conhecimento fazia diferença entre os processos de produção. Como reflexo disso, tem-se constatado a perda de especialização de alguns profissionais. Esses dados sobre quantidade de máquinas servem principalmente para mostrar o crescimento desse setor da indústria e a partir daí mostrar como são necessários cada vez mais profissionais capacitados. O Gráfico 1 mostra o resultado de uma pesquisa realizada pela *Associação Brasileira da Indústria Têxtil – ABIT* (2007), sobre o número de funcionários empregados formalmente no setor têxtil.

² Termo em inglês que significa estilo casual.

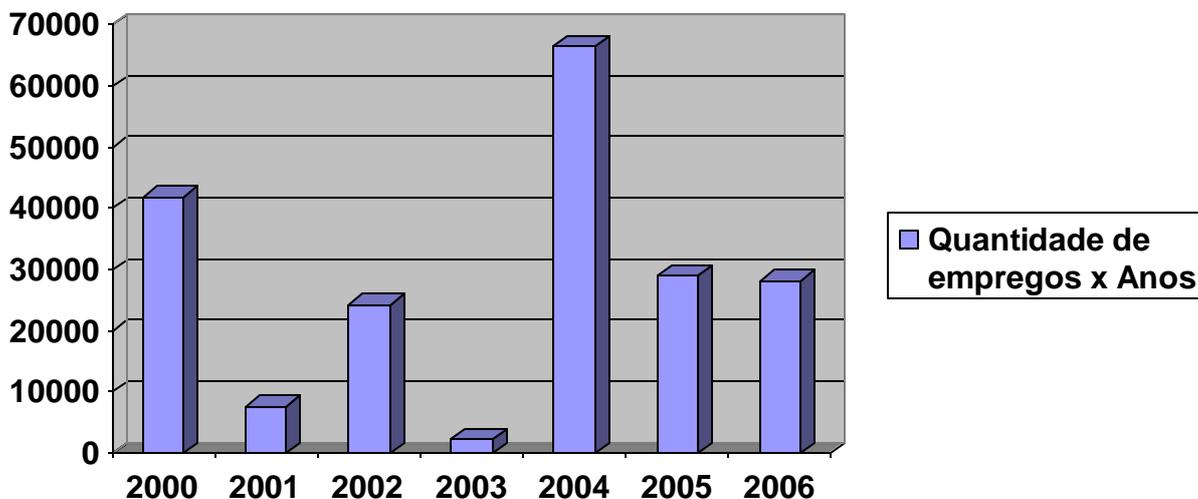


Gráfico 1: Geração de Empregos Formais (Total Anual).

Fonte: ABIT, 2007.

Pelo Gráfico 1 é possível notar as fases de crescimento e a desaceleração na geração de empregos na indústria têxtil. Com uma pesquisa ainda mais recente, o *Ministério do Trabalho e Emprego* (MTE), mostra dados atuais do número de empregos não só da indústria têxtil, mas também do vestuário, como se pode ver na Tabela 1.

Tabela 1: Evolução do Emprego no Brasil – 2007

Setor Têxtil e Vestuário	Fevereiro/2007	No Ano	Em 12 Meses
Total Adicionados	34.620	65.686	373.875
Total Desligados	29.663	56.710	341.947
Saldo	4.957	8.976	31.928
Varição em %	0,56	1,03	3,79

Fonte: ABIT, 2007.

Segundo dados apresentados pela ABRAVEST (2007), o investimento inicial para a implementação de um posto de trabalho na indústria da confecção, é pequeno, por isso a

facilidade em atrair muitos empreendedores, a maioria com conhecimentos técnicos e administrativos muito incipientes. São nessas condições em que são montadas e funcionam as confecções, especialmente no Paraná.

2.3 Histórico da Formação Profissional

Somente depois de adquirir caráter profissionalizante, na Idade Média, é que a educação se voltou ao trabalho. Da Grécia Antiga, considerada o berço da civilização, herdou-se a questão onde a educação de melhor qualidade está voltada às classes economicamente privilegiadas que compõem a minoria da sociedade.

Foi no período do Império Romano que a educação se tornou mais organizada e complexa, já que o Estado em sua organização burocrática dependia de funcionários com formação adequada. Assim, surgiram os cursos profissionalizantes.

O crescimento populacional e o aumento da demanda de produtos artesanais favoreceram o aumento do comércio e os artesãos desenvolveram técnicas e se organizaram em grupos de especialistas. Essas organizações se tornaram fortes e

[...] nada, porém pode ser produzido sem a regulamentação das corporações de ofícios (ou grêmios). Na cidade, cada profissão determina o material a ser usado, o processo de fabricação, o preço do produto, o horário de trabalho e as condições de aprendizagem. (ARANHA, 1996, p.78).

No século XV, com o aumento das oportunidades e novos trabalhos, ocorreu a divisão dos alunos em classes por faixas etárias. A partir daí grandes fenômenos sócio-econômicos provocaram muitas transformações na educação e a implementação de novas descobertas científicas aos processos, permitiu o desenvolvimento de máquinas e ferramentas que propiciaram as primeiras fábricas.

Esse crescente uso da ciência aos modos de produção provocou a Revolução Industrial, que com a implementação da máquina a vapor aos processos fabris, e tendo como marco o avanço

da industrialização da confecção do vestuário com a invenção da máquina de costura aumentou a quantidade de produtos fabricados e os lucros. O trabalhador assalariado para garantir seu emprego trabalhava em jornadas de 14 horas por dia e o capitalista utilizava também a mão-de-obra de pessoas em suas próprias casas, o que é fato comum até hoje a quem o setor atribui o nome de “Facções de Produção”. Assim como antes, atualmente essas facções são utilizadas para minimizar encargos trabalhistas e obter maior produção.

Foi nesse período que surgiram as escolas técnicas preocupadas em qualificar o trabalhador para que este propiciasse ao capital melhores resultados em seu trabalho nas fábricas. De acordo com Manacorda (2004, p.288),

[...] enquanto vai desaparecendo o tradicional aprendizado da oficina artesanal, controlado pelas corporações de artes e ofícios, a instituição escola vai atingindo todas as classes produtoras, recebendo novos conteúdos científicos e técnicos. Com base nesses conteúdos renova-se também a universidade[...].

As escolas técnico-profissionais tinham como público os operários e seus filhos, enquanto que as universidades tinham como público a alta burguesia, o que até certo ponto perdura até hoje no Brasil.

2.4 Formação Profissional na Confecção no Brasil

Apesar da dificuldade encontrada para descrever a história do setor têxtil e da indústria do vestuário, pelo pequeno número de publicações relacionadas ao assunto, buscou-se registrar os aspectos fundamentais que caracterizaram a profissionalização deste segmento produtivo no Brasil.

Inicialmente é importante ressaltar que a formação profissional dos alfaiates no Brasil Colônia ocorreu de forma semelhante a das Corporações de Ofícios européias, dividindo a classe profissional em: mestre, oficial e aprendiz. Para obter a habilitação para o exercício da profissão, era necessário o licenciamento do oficial para o trabalho, emitido pelas autoridades coloniais. Segundo Bardi (1981, p. 20),

Os oficiais eram aqueles matriculados pelas autoridades, os que para tanto recebiam autorização, excluindo-se os escravos. [...] Para obter a matrícula o aspirante antes devia submeter-se a um exame de seleção, os ‘ossos’ e demonstrar ‘ter dedo’ e, forte na prova carimbada pela câmara [...].

Já no Século XX, a evolução dos processos de industrialização da confecção do vestuário e do seu *design* industrial acabou criando a necessidade de diversificar os tipos de operações e acabamentos, realizados por diferentes tipos de máquinas e outros equipamentos. Assim começava a profissionalização da confecção, já que para a indústria produzir com eficiência foram necessários trabalhadores com diversas especializações e novas profissões acabaram surgindo, sendo que várias delas existem até os dias atuais como: riscadores, cortadores, arrematadores, bordadores, passadores, etc.

No entanto, mesmo existindo escolas ligadas ao setor da confecção do vestuário, algumas técnicas profissionais ainda são transmitidas no próprio local de trabalho. Algumas empresas optam por desenvolver seu próprio sistema de transmissão de conhecimentos, mesmo havendo hoje cursos de formação profissional destinados especificamente à indústria da confecção. A fase do estágio profissional, colaboração entre escola-empresa, se torna um desses mecanismos de treinamento, pois o aluno vê na prática, o que muitas vezes fica somente na teoria de algumas matérias dos cursos.

Sem a chance de um relacionamento direto com a rotina de uma empresa é que resulta a questão de como o que é ensinado nas instituições pode ser um fator limitante para o desenvolvimento do setor, e também até que ponto esse futuro profissional pode ser útil na empresa que o contrata.

O entendimento da importância do significado do processo de formação profissional dos trabalhadores da indústria da confecção do vestuário só será possível se houver uma correspondente contextualização, em que sejam ressaltadas as características básicas dessa indústria, tanto de profissionais quanto de seus empreendedores. (KELLER, 2005, p. 39).

De acordo com o *Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas Empresas – SEBRAE* (2007), atualmente são as pequenas empresas que mais ofertam vagas de trabalho, e nelas a maioria dos profissionais não tem qualificação específica.

2.5 A Educação Profissional para o Setor da Confeção e Vestuário no Paraná

O Estado do Paraná possui hoje cursos de nível tecnológico e superior como em *Design* e Tecnologia de Moda oferecidos pela *Universidade Estadual de Londrina* (UEL), na cidade de Londrina, que foi a pioneira no Paraná na formação superior nesta área; *Universidade Tuiuti do Paraná* (UTP) e *Centro Universitário Positivo* (UNICENP), em Curitiba; *Centro Universitário de Maringá* (CESUMAR), em Maringá; Universidade Estadual de Maringá (UEM), em Cianorte; *Universidade Paranaense* (UNIPAR), em Toledo e Cianorte. Também conta-se com o curso de Engenharia Têxtil na UEM em Goioerê e Engenharia de Produção com ênfase em Confeção Industrial também pela UEM, mas em Maringá; e um curso de Tecnologia da Confeção na *União de Ensino do Sudoeste do Paraná* (UNISEP), no município de Dois Vizinhos.

Contando com os cursos de nível técnico, o *Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial* (SENAI), oferece no Paraná o Técnico em Estilismo Industrial e Técnico em Confeção Industrial.

Dados do *Ministério da Educação e Cultura* – MEC (2007), indicavam que em 1999, 46,07% dos profissionais na indústria do vestuário eram semiqualeificados e que 49,55% se enquadravam como pessoal qualificado com aplicação de conhecimentos de 1º grau. No entanto, era visível a falta do técnico de nível médio ligado a produção em ocupações com atividades variadas ou especializadas com aplicação de conhecimentos de 2º grau. O mesmo acontecia com o profissional cujas ocupações só podem ser exercidas com formação de nível superior, o que somando-se os percentuais dessas duas últimas categorias tem-se um total de 1,18%. Salienta-se que no ano dessa pesquisa, ainda não havia, por exemplo, profissionais de moda de nível técnico ou superior, formados por escolas do Paraná.

3 ESTUDO DE CASO

Como uma pesquisa exploratória sobre o assunto, envolvendo levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que vivem a experiência prática com o problema pesquisado, esta assume a forma de um Estudo de Caso. É também uma pesquisa qualitativa, pois não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente do setor da indústria têxtil e do vestuário, o que incluiu indústrias de confecção, profissionais (alunos egressos) com formação específica, instituições que oferecem cursos voltados ao setor e alunos atuais destes cursos, foi a fonte direta para a coleta dos dados.

3.1 Metodologia da Pesquisa

A pesquisa tem por objetivo obter informações para solucionar um problema, e neste caso teve como base procedimentos racionais e sistemáticos, desenvolvida de forma qualitativa, onde a interpretação dos significados não pode ser traduzida em números e não requer o uso de técnicas estatísticas. O período de realização da pesquisa e aplicação dos questionários foi de Julho de 2007 a Setembro de 2007. A pesquisa ficou limitada a região Noroeste do Paraná, abrangendo as cidades de Cianorte, Maringá e Sarandi, onde se localizam as indústrias pesquisadas, bem como os cursos de Engenharia de Produção com Ênfase em Confecção Industrial – UEM, Moda – CESUMAR, Técnico em Confecção Industrial – SENAI, todos em Maringá, e ainda, a cidade de Goioerê, onde se ministra o curso de Engenharia Têxtil oferecido pela UEM.

Com a finalidade de apresentar casos que representassem bem o universo do setor da confecção inserido nesta região, a pesquisa buscou aplicar questionários a três empresas – uma de pequeno porte, uma de médio porte e uma de grande porte, onde apenas um responsável por cada empresa foi entrevistado. A aplicação também se deu a orientadores e ex-orientadores de quatro cursos (um entrevistado para cada curso) – Engenharia de Produção com Ênfase em Confecção Industrial (UEM), Engenharia Têxtil (UEM), Moda (CESUMAR) e Técnico em Confecção Industrial (SENAI). Foram entrevistados também uma aluna do

curso de Moda, dois alunos do curso de Engenharia Têxtil, quatro alunos do curso de Engenharia de Produção com Ênfase em Confecção Industrial e duas alunas do curso Técnico em Confecção Industrial. Fizeram ainda parte desta pesquisa, uma profissional formada em Moda, uma profissional formada em Engenharia Têxtil, duas profissionais formadas no curso Técnico em Confecção Industrial e dois profissionais formados em Engenharia de Produção com Ênfase em Confecção Industrial, o que totalizou 22 entrevistas.

3.1.1 Caracterização da pesquisa

A pesquisa teve como proposta, obter informações sobre como ocorre a relação entre as indústrias, instituições/escolas, profissionais e alunos. Os entrevistados escolhidos foram os dirigentes de uma indústria de grande porte, uma de médio porte e uma de pequeno porte, e também coordenadores, alunos egressos e alunos, dentre os quais, três cursos de nível superior e um curso de nível técnico, perfazendo um total de 22 entrevistas. Em todos os momentos o foco esteve voltado aos alunos, às escolas e às empresas, sujeitos principais desta pesquisa.

Diante da dificuldade em realizar uma pesquisa quantitativa, mas sem se afastar do objetivo de uma pesquisa qualitativa, foram escolhidos casos que pudessem representar a realidade das indústrias de confecção do Paraná e do ensino voltado para este setor.

Nas indústrias foram aplicados dois modelos de questionário, um deles voltado aos gerentes e outro a ser respondido pelos alunos egressos dos cursos em questão. Nas escolas também foram aplicados dois modelos de questionário, um deles voltado aos atuais alunos e outro para os coordenadores dos cursos.

3.1.2 Coleta de dados

As empresas e instituições forneceram algumas informações, sendo que algumas delas foram coletadas através de pesquisas em *web sites* das mesmas. As entrevistas foram baseadas em

questionários estruturados com perguntas abertas, no entanto, na maioria das vezes as entrevistas não foram realizadas pessoalmente, tendo como opção o envio destes questionários através de *e-mail*. Somando as entrevistas às respostas obtidas nos questionários e outras informações obtidas, pôde-se analisar os dados e elaborar o trabalho.

Foram elaborados quatro modelos de questionários. Os quatro modelos de questionários aplicados foram definidos como A, B, C e D. O questionário A foi aplicado nas indústrias e consta do Apêndice A. O questionário B foi voltado aos profissionais (alunos egressos) e consta do Apêndice B. O questionário C foi aplicado aos coordenadores e ex-coordenadores dos cursos pesquisados e consta do Apêndice C. O questionário D foi respondido pelos atuais alunos destes cursos e consta do Apêndice D.

No Apêndice E consta uma carta-compromisso assegurando o sigilo às indústrias e seus profissionais. No caso das instituições de ensino, os nomes dos coordenadores, ex-coordenadores e alunos, também não são divulgados.

Os itens analisados em cada um dos questionários foram divididos em blocos, o que proporcionou a melhor análise possível das respostas relativas aos objetivos deste trabalho como mostrado no Quadro 1:

Questionário	Tema	Nº do Bloco
A	Dados da empresa	1
	Dados do respondente	2
	Processos de contratação e avaliação profissional	3
	Relação com as instituições de ensino	4
B	Dados do respondente	1
	Relação com a empresa	2

B	Relação com o curso e a profissão	3
	Perspectivas	4
C	Dados do respondente	1
	Caracterização da instituição de ensino	2
	Relação com as indústrias	3
	Perspectivas	4
D	Dados do respondente	1
	Relação com o curso	2
	Perspectivas	3

Quadro 1: Blocos Temáticos Abordados.

3.1.3 Indústrias pesquisadas

Foram analisadas três empresas que pudessem representar a realidade das indústrias de confecção no Paraná, sendo uma empresa considerada de grande porte na região, localizada em Cianorte, outra de médio porte localizada em Maringá, e por último, uma empresa de pequeno porte situada na cidade de Sarandi.

A indústria de grande porte localizada em Cianorte, produz moda feminina e masculina, emprega hoje aproximadamente 500 funcionários e tem uma produção mensal aproximada de 100.000 peças/mês. Nesta indústria, foi entrevistado um gerente de Recursos Humanos, que respondeu pelas questões referentes à empresa.

A indústria de médio porte localizada em Maringá, que produz moda feminina e masculina, emprega atualmente 200 funcionários e conta com produção mensal aproximada de 50.000 peças. Neste local foi entrevistado um gerente que respondeu questões referentes à empresa.

Na pequena empresa, que produz basicamente moda feminina, localizada na cidade de Sarandi, um gerente respondeu às questões da empresa. Esta empresa conta com aproximadamente 50 funcionários e produz cerca de 5.000 peças/mês.

3.1.4 Profissionais pesquisados

Como profissionais (alunos egressos) da empresa de grande porte pesquisada, responderam uma supervisora de produção com curso técnico em Confecção Industrial pelo SENAI – Maringá, uma gerente de desenvolvimento de produto com formação em Engenharia Têxtil pela UEM – Campus Goioerê e uma estilista formada em Moda pelo CESUMAR – Maringá.

Na indústria de médio porte pesquisada, foram entrevistados como profissionais, uma gerente de produção formada em Engenharia de Produção com ênfase em Confecção Industrial pela UEM e uma modelista com curso técnico em Confecção Industrial.

Na indústria de pequeno porte, respondeu às questões referentes aos alunos egressos, uma operadora de PCP formada em Engenharia de Produção com ênfase em Confecção Industrial pela UEM.

3.1.5 Instituições pesquisadas

Para esta pesquisa buscou-se analisar instituições de ensino que oferecem cursos de formação técnica e superior voltados à confecção. O curso de nível técnico pesquisado é Técnico em Confecção Industrial oferecido pelo SENAI – Maringá, com 40 alunos matriculados anualmente, onde segundo informação da orientadora, são formados em torno de 35 alunos por ano.

Os cursos de nível superior pesquisados foram: Engenharia Têxtil e Engenharia de Produção com ênfase em Confecção Industrial, ambos da UEM, sendo o primeiro lecionado na cidade

de Goioerê e o segundo em Maringá, e o curso de Moda ministrado pelo CESUMAR em Maringá.

Pelo curso de Engenharia Têxtil, respondeu as questões, um ex-coordenador. As questões aplicadas ao curso de Engenharia de Produção com ênfase em Confecção Industrial foram respondidas pela coordenadora atual. O referente ao curso de Moda, foram respondidas por uma ex-coordenadora.

3.1.6 Alunos pesquisados

No curso de nível técnico, foram questionados dois alunos que fazem atualmente o curso de Técnico em Confecção Industrial oferecido pelo SENAI – Maringá. Quanto aos cursos de nível superior, as questões foram aplicadas a dois alunos de Engenharia Têxtil, quatro alunos de Engenharia de Produção com ênfase em Confecção Industrial e uma aluna do curso de Moda.

4 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

Este capítulo tem por finalidade apresentar e analisar os resultados obtidos nessa pesquisa, que apontou a relação existente entre as empresas do setor e as instituições, assim como seus alunos e ex-alunos. As análises foram divididas de acordo com os segmentos pesquisados para então ao final do trabalho, se obter uma conclusão do assunto.

4.1 O Que Dizem as Empresas

No Quadro 2 pode-se visualizar as respostas de algumas das questões aplicadas nas empresas, logo depois, é feita uma análise maior das respostas obtidas:

EMPRESA (PORTE)/(Nº DE RESPONDENTES)	Tem conhecimento de cursos voltados à confecção? Esses cursos atendem a demanda de sua empresa?	Contrata estagiários? Para que áreas?	Sua empresa se relaciona com as instituições de ensino? Como?	Quais pontos positivos dos alunos egressos e o que acredita estar faltando?
GRANDE/ (1)	Sim. Sim.	Sim. Para todas as áreas.	Sim. Solicitando alunos para estágio e tendo contato com seus coordenadores.	Pontos positivos: especialização e conhecimentos. Falta experiência.

MÉDIO/ (1)	Sim. Sim.	Sim. Para áreas administrativas e produção.	Sim. Informando sobre oportunidades de estágio e mantendo contato com seus respectivos professores e coordenadores.	Pontos positivos: habilidades e facilidade em aprender. Falta experiência.
PEQUENO/ (1)	Sim. Sim.	Sim. Para setores envolvidos com a produção.	Sim. Informando sobre oportunidades de estágio.	Pontos positivos: conhecimentos e atualização. Falta experiência.

Quadro 2: Questões Voltadas às Indústrias.

As empresas de grande e médio porte pesquisadas declararam que as exigências para a contratação de profissionais podem variar de acordo com a necessidade de manutenção em seus setores, sabendo que a contratação de um profissional especializado significa capital investido. A grande empresa declarou ser de fundamental importância a contratação de profissionais especializados e possuir plano de carreira para seus funcionários.

Já, a pequena empresa declarou que procura fazer um equilíbrio entre a contratação e a remuneração compatível ao profissional, pois muitas vezes os recursos são escassos e opta-se pela especialização do próprio empresário ou parentes diretos como esposa e filhos, caracterizando uma empresa familiar.

Os responsáveis pelas respostas das empresas demonstraram conhecer os cursos voltados à confecção oferecidos na região, tanto que contratam alguns dos alunos egressos desses cursos. Analisaram a qualidade destes cursos como satisfatória, oferecendo importante base de

conhecimento, mas que realmente falta a experiência profissional desejada e que por vezes, manter um profissional em treinamento chega a ser um pouco oneroso.

As empresas em geral, vêem com positividade o recrutamento de estagiários, pois afirmam que estes são úteis à empresa, fornecendo conhecimentos e estando abertos ao aprendizado constante, e que na realidade muitos destes se tornam funcionários efetivos, podendo ser uma garantia de crescimento para a empresa.

Todas as empresas mantêm relacionamento e contato com instituições de ensino e órgãos especializados em recrutamento e seleção, como *Centro de Integração Empresa-Escola – CIEE*, *Programa de Complementação Educacional – PROE* e *Instituto Euvaldo Loddi – IEL*, e é através destes que realizam a contratação de estagiários. Geralmente são os setores das empresas que, necessitando de auxílio especializado ou temporário, entram em contato com a gerência e fazem a solicitação de um estagiário. A empresa de pequeno porte ressaltou ainda, que muitas vezes dão a oportunidade de estágio para alguém já conhecido do empresário ou funcionário da empresa que está em busca do conhecimento prático.

Foi destacado que às vezes o desempenho é de responsabilidade e interesse do próprio profissional ou aluno, e ponto a ser melhorado, segundo o gerente da grande empresa, seria também por parte do egresso, o qual muitas vezes se exige perfil de liderança mas ressaltando que esta é uma característica muito mais pessoal do indivíduo que fator adquirido na preparação profissional.

Na opinião das empresas é necessário que o profissional esteja sempre atualizado, saiba lidar com situações difíceis, tenha habilidade para atuar em várias frentes, seja interessado por outros setores da empresa, rapidez na resolução de problemas.

4.2 O Que Dizem os Profissionais

Algumas das respostas dadas pelos profissionais (alunos egressos), são vistas no Quadro 3:

FORMAÇÃO/(Nº DE RESPONDENTES)	Fez estágio? Acha importante? Por que?	Acredita que seu curso dá preparo suficiente?	O que precisa para melhorar seu curso?	Está satisfeito com sua profissão? Pretende mudar de área?
TÉCNICO EM CONFECÇÃO/ (2)	Sim. É importante como experiência e para se integrar ao ritmo de trabalho.	Sim, mas o profissional precisa se manter atualizado.	Algumas matérias não são bem aproveitadas na prática. Incentivo ao empreendedorismo.	Existe a satisfação, mas também a vontade de ter a própria empresa.
ENGENHARIA TÊXTIL/ (1)	Sim. Para ter maior noção do que é a profissão e saber em qual setor atuar.	Às vezes, pois dependendo da área que vai atuar, necessita de especialização.	Rever algumas disciplinas do currículo. No geral está bom.	Sim. Deseja-se continuar atuando na área.
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO/ (2)	Sim. Para conhecer melhor a profissão na prática e adquirir experiência.	Sim. O curso prepara um profissional capaz de atuar em várias áreas de uma empresa.	Rever carga horária e disciplinas do currículo. Maior número de aulas práticas.	Sim. Futuramente pretende prestar consultoria e ter a própria empresa.

MODA/ (1)	Sim. Para adquirir experiência e fazer contatos profissionais futuros.	Sim, mas o profissional precisa sempre se atualizar e se informar.	Maior contato com as empresas para inserção do profissional no mercado.	Sim. Está satisfeito e acredita num maior crescimento profissional.
----------------------	--	--	---	---

Quadro 3: Questões Voltadas aos Profissionais.

Dentre os profissionais pesquisados, advindos do curso técnico e curso superior, todos acreditam estar sendo bem aproveitados pelas empresas onde trabalham, pois já haviam realizado estágio nestas ou haviam passado por experiências anteriores e buscaram empresas que se adequaram ao perfil. Por estes motivos, têm planos de crescimento na empresa na qual os emprega, não pretendem mudar de setor e acreditam estar na profissão certa, mas com ressalva de que se o crescimento não for possível não têm problemas em procurar emprego em outra empresa.

Quanto à remuneração, todos eles acreditam que esta seja compatível, não com suas funções, mas em vista dos salários pagos na região, o que não quer dizer que estejam plenamente satisfeitos, pois vêem a remuneração no geral como baixas. Também acreditam que com o tempo na empresa e o crescimento do setor, esta remuneração será maior.

Todos os profissionais avaliaram seus cursos como ótimos, e exceto os de formação técnica, relataram que muitas vezes as disciplinas não são interessantes ou não são aproveitadas na prática do trabalho realizado, principalmente as mais “puxadas” e difíceis. Acreditam terem sido preparados adequadamente para a profissão que exercem, exceto o profissional formado em Engenharia Têxtil que precisou procurar cursos de especialização e pós-graduação, pois alegou que seu curso não fornece preparação específica para atuar no setor da confecção, mesmo este sendo um setor procurado pelos atuais formandos. No entanto, alguns citaram a necessidade da realização de outros cursos básicos como informática ou línguas.

Para a melhoria dos cursos foram sugeridas: maior número de aulas práticas, revisão do currículo, carga horária de algumas matérias, incentivo ao empreendedorismo e programas conjuntos com as empresas para inserir o futuro profissional no mercado.

Os profissionais acreditam no crescimento do setor da confecção no Brasil, principalmente no Paraná que se firma como pólo da moda e da confecção, e conseqüentemente, o maior reconhecimento do profissional deste segmento e o crescimento dos cursos voltados ao setor.

4.3 O Que Dizem as Instituições

Segundo informações dos coordenadores e ex-coordenadores dos cursos pesquisados, quando perguntados sobre o que motivou a instituição a oferecer cursos na área de confecção, a resposta mais freqüente foi de que há uma crescente demanda de mão-de-obra e profissionais qualificados, isto é, foi uma necessidade regional e pedidos manifestados pelas empresas do setor, como pode-se observar no Quadro 4 com algumas questões aplicadas:

CURSO/(Nº DE RESPONDENTES)	Existe projeto para modificação do currículo?	Como vê a participação das indústrias do setor?	Acredita que o ensino oferecido supre as necessidades das indústrias desse setor?	Como analisa a qualidade do ensino e o que acredita estar faltando?
TÉCNICO EM CONFECCÃO/ (1)	No momento não, pois é um trabalho que tem que ser feito por todas as demais unidades.	Participaram na formulação da grade curricular desse curso e a relação tende a se estreitar.	Sim, mas muitas vezes querem profissionais prontos e não dão a primeira chance.	A qualidade é muito boa. Falta empresas darem a primeira chance para esse profissional.

<p align="center">ENGENHARIA TÊXTIL/ (1)</p>	<p>Sim.</p>	<p>As indústrias desse setor não influenciaram na formação do currículo e não têm grande participação.</p>	<p>Não totalmente, pois o curso é realmente mais voltado para o setor têxtil.</p>	<p>A preparação visando o setor da confecção é básica precisando de especialização na área.</p>
<p align="center">ENGENHARIA DE PRODUÇÃO/ (1)</p>	<p>Sim.</p>	<p>É satisfatória. Participaram na concepção do curso e seria desejável mostrar suas insatisfações e pontos fortes do curso.</p>	<p>Sim. A combinação das disciplinas ajuda a formar um profissional que entende do planejamento quanto do chão de fábrica.</p>	<p>Muito boa, preparando profissionais para atuar em diversas áreas.</p>
<p align="center">MODA/ (1)</p>	<p>Apenas algumas atualizações.</p>	<p>Satisfatória. Participaram na formulação de algumas disciplinas.</p>	<p>Sim, pois o profissional sai com conhecimentos para aliar as artes, ciência e tecnologia à competência exigida pela indústria de moda.</p>	<p>Muito boa.</p>

Quadro 4: Questões Voltadas às Instituições.

Para tanto, o curso de Engenharia de Produção com ênfase em Confecção Industrial oferece 30 vagas anualmente e forma em torno de 20 profissionais por ano; o curso de Engenharia

Têxtil, 40 vagas e forma cerca de 30 profissionais; o Curso de Moda, 60 vagas por turno; e o curso Técnico em Confeção Industrial, 40 vagas, formando cerca de 35 profissionais.

Quanto à participação das indústrias, todos os cursos, exceto o curso de Engenharia Têxtil, informaram que houve a participação destas ou na concepção ou na formulação da grade curricular, como o caso do SENAI, que ainda destacou ser muito ampla e favorável esta interferência. No entanto, a coordenadora do curso de Engenharia de Produção com ênfase em Confeção Industrial, acredita que essa participação poderia ser maior e que seria desejável que as indústrias do setor do vestuário que recebem estagiários ou profissionais formados pelo curso manifestassem suas insatisfações em relação aos egressos e pontos fortes do curso.

Todos os pesquisados das instituições, exceto o curso de Engenharia Têxtil, acreditam que o ensino voltado à confecção supre as necessidades da indústria desse setor, com ressalva do curso técnico que diz ouvir que os alunos não saem totalmente preparados, mas isto ocorre porque as empresas querem profissionais prontos e se estes não tiverem uma primeira chance não vão nunca ter experiência de fato.

O curso de Engenharia de Produção destacou que as disciplinas do núcleo profissionalizante em conjunto com as disciplinas da ênfase ajudam a formar um profissional que entende tanto do planejamento estratégico quanto do chão de fábrica. O curso de Engenharia Têxtil informou que seu objetivo é atender aos mais variados segmentos do setor têxtil e de confecção, mas que na realidade a preparação visando o setor da confecção é básica, embora alguns de seus ex-alunos procurem atuar nesta área depois de formado. Estes acabam procurando uma especialização e/ou trabalhando em setores de uma confecção que não são voltados diretamente à produção.

O curso de Moda relata que o profissional egresso está capacitado para aliar o conhecimento das artes, ciência e tecnologia à competência exigida pela indústria de moda, mas que além do ensino em si, os alunos e profissionais devem se manter atualizados, e que a instituição faz sua parte oferecendo e organizando cursos extras, palestras, *work shops*, desfiles, etc.

O contato com várias empresas, geralmente cadastradas para oferta de estágio, é mantido através de relatórios de acompanhamento de estágio respondidos pelo supervisor da empresa, o qual faz críticas, sugestões e considerações acerca do estagiário, do curso, da coordenação

de estágio, além do contato com os egressos, que periodicamente respondem um questionário contendo perguntas sobre o curso, a ênfase, os professores, etc. O acompanhamento também é feito através de visitas nas empresas, realizadas por representantes das instituições de ensino que entram em contato com seus alunos egressos no exercício da profissão. No geral, a participação das indústrias é dada como satisfatória ou boa, acreditando num estreitamento da relação a partir do maior desenvolvimento do setor.

A qualidade do ensino é vista pelas instituições como muito boa formando em alguns casos, profissionais capazes de atuar em diferentes áreas como desenvolvimento de novas tecnologias têxteis e novos produtos, tecnologias de modelagem, planejamento e controle da produção, gestão da qualidade, logística, bem como competência para criar, viabilizar e gerenciar produtos de moda às necessidades específicas e peculiares de cada cliente ou segmento de mercado. A interação desses profissionais é vista como positiva, traduzindo-se em qualidade para o setor de confecção. No entanto, ainda falta às empresas o perfeito entendimento das áreas de atuação de cada profissional (engenheiros têxteis, profissionais da moda, engenheiros de produção) e dar a primeira chance para esse profissional que é tão necessário hoje em dia.

Quanto aos cursos voltados a confecção que hoje são ofertados, as instituições mostraram otimismo e acreditam estar sendo formados profissionais mais qualificados e que é real a tendência de crescimento e fortalecimento desses e outros cursos e da indústria da confecção.

4.4 O Que Dizem os Alunos

Alguns dos questionamentos feitos aos alunos estão no Quadro 5:

CURSOS/(Nº DE RESPONDENTES)	Faz estágio ou trabalha? Em qual setor?	Como avalia o curso que faz?	Que sugestões daria para melhorar o curso?	Acredita ter feito a escolha profissional correta?
------------------------------------	--	-------------------------------------	---	---

TÉCNICO EM CONFEÇÃO/ (2)	Sim. Setor de produção (chão de fábrica).	Está em conformidade com o exercício da profissão.	Professores mais qualificados.	Sim, por já trabalhar no setor.
ENGENHARIA TÊXTIL/ (2)	Sim. Setor de fiação.	Muito bom, apesar de algumas matérias.	Tornar algumas matérias mais interessantes e práticas. Rever o currículo.	Sim.
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO/ (4)	Sim. Setor de PCP e produção.	Muito bom, apesar de algumas matérias “pesadas” não serem muito úteis.	Avaliar a necessidade de algumas matérias e carga horária. Explorar mais as matérias da ênfase.	Sim, por acreditar nesse setor.
MODA/ (1)	Sim. Setor de desenvolvimento.	Muito bom. Está em conformidade.	Maior contato com a profissão em si.	Sim, pela afinidade.

Quadro 5: Questões Voltadas aos Alunos.

Os alunos entrevistados responderam estarem certos quanto ao curso escolhido e que a razão pela opção do curso, se deu por acreditarem no mercado de trabalho e afinidade com algumas disciplinas. Um fator que favoreceu também foi o fato de alguns destes já terem trabalhado ou trabalharem em setores ligados à confecção.

Esses alunos estão atualmente inseridos em empresas de confecção, seja como estagiários ou funcionários, fato que aconteceu através de órgãos responsáveis como CIEE, PROE e a própria instituição de ensino. Falaram que o maior incentivo está na oportunidade dada pela empresa para conhecer e obter experiência, apesar de relatarem que muitas vezes não têm uma função fixa e serem vistos como mão-de-obra barata, no entanto, ocorre a chance de conhecer vários setores da empresa.

Quanto aos cursos, as opiniões não se diferem muito das dadas pelos profissionais (alunos egressos). Os alunos das engenharias acreditam existir matérias que não acrescentarão a vida profissional, e que estas geralmente são as mais “pesadas”, com maior carga horária e que exigem mais estudo, sobrando pouco tempo para a realização de outros cursos e se aprofundar em outras disciplinas. Mas salientam que muitas matérias interessantes são pouco exploradas, tanto em aulas teóricas como aulas práticas. Os alunos dos demais cursos acreditam que as matérias estão em conformidade com o exercício da profissão, mas fazem ressalvas quanto a qualidade de alguns professores.

Como sugestões para a melhoria dos cursos foram citados: revisão do currículo, revisão da carga horária, maior número de aulas práticas, maior contato com a realidade da futura profissão, maior base para o empreendedorismo.

Os futuros profissionais são otimistas quanto à profissão e ao mercado de trabalho que os espera, acreditando numa maior competição daqui para frente, mas também grande crescimento do setor da confecção em todo Brasil. Alguns pretendem futuramente abrir sua própria empresa ou colaborar com o desenvolvimento da empresa da família.

4.5 Sobre a Análise dos Dados

Analisando os dados dos resultados obtidos, objetivando saber se as necessidades em relação ao profissional que está sendo formado estão sendo satisfeitas, e se para o mercado este é o profissional que se necessita, é que se chegou ao Gráfico 2:

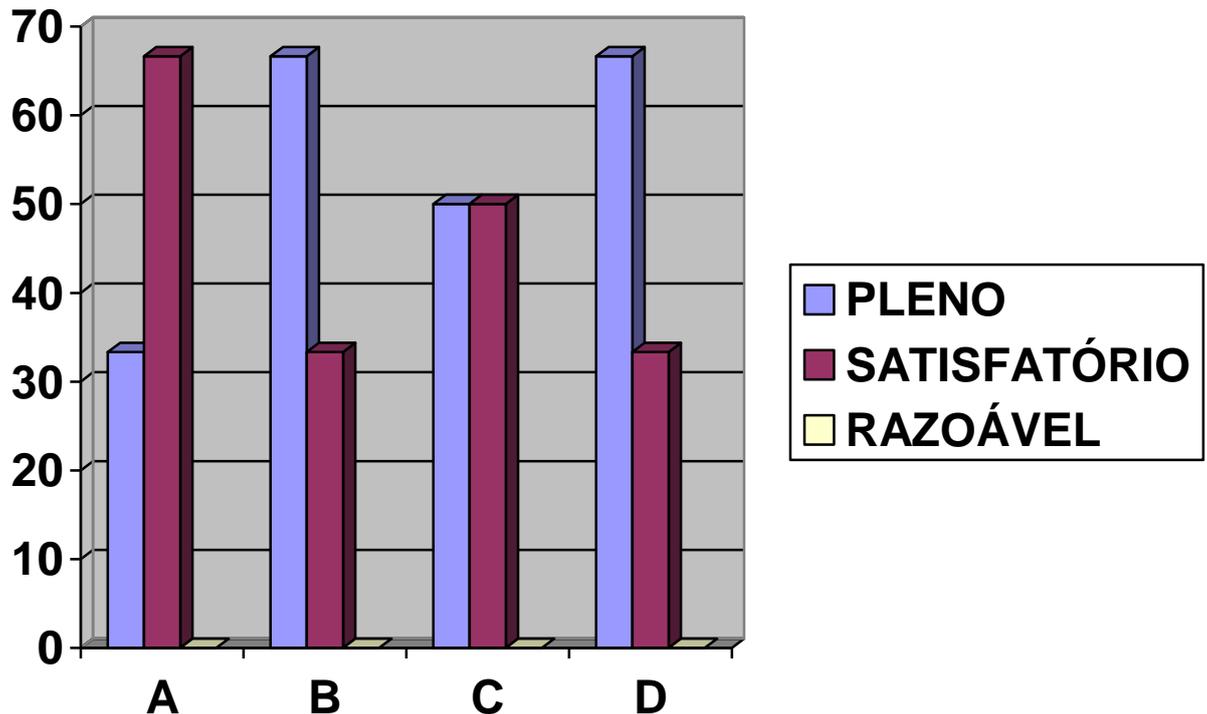


Gráfico 2: Nível de Satisfação em Relação aos Profissionais da Confecção pela Ordem dos Questionários.

Explicando o Gráfico 2 mais claramente, a letra A é a opinião expressa pelas indústrias pesquisadas, onde a empresa de pequeno porte respondeu que está plenamente satisfeita com o profissional que está sendo formado, o que representa 33,33% do total entrevistado, enquanto a média e a grande empresa responderam que estão apenas satisfeitas, representando 66,67% do total.

No eixo onde consta a letra B, se refere aos profissionais pesquisados, onde dois técnicos em confecção, um engenheiro de produção e uma profissional de moda, responderam que estão plenamente satisfeitos, representando 66,67% do total de profissionais entrevistados, enquanto que um engenheiro de produção e um engenheiro têxtil responderam que estão satisfeitos, o que soma 33,33%.

Na Letra C estão representadas as respostas obtidas pelas instituições, onde os respondentes pelo curso de Engenharia de Produção e do curso Técnico em Confecção se mostraram

plenamente satisfeitos, representando 50%. Os cursos de Moda e de Engenharia Têxtil se mostraram satisfatórios e representam 50%.

O eixo mostrando a letra D representa a opinião dos alunos, onde três alunos de Engenharia de Produção, uma aluna de Moda, uma aluna do curso técnico e um aluno de Engenharia Têxtil estão plenamente satisfeitos, o que soma 66,67% dos alunos entrevistados. Um aluno de Engenharia de Produção, uma aluna do curso técnico e um aluno de Engenharia Têxtil estão apenas satisfeitos, o que totaliza 33,33% do total entrevistado.

5 CONCLUSÃO

Nesse breve estudo, apesar das escassas fontes de pesquisa para o assunto, pode-se notar que existe uma concordância sobre os interesses comuns das escolas e das empresas, mas que principalmente esta última deve perceber a importância de ter em seu quadro de funcionários, pessoas especializadas, preparadas e treinadas para exercer funções importantes, onde muitas vezes somente um curso de formação profissional pode oferecer tal característica.

Ressalta-se que algumas vezes não pode ser dispensado o treinamento que ocorre dentro da própria empresa, sendo este passado de profissional para profissional, sendo uma chave de conhecimento prático e experiência. É nesse momento que se torna importante a realização de um estágio profissional.

Pôde-se constatar também que são muitas as exigências das indústrias para com o trabalhador, sendo a principal delas o aumento de produção. Porém, principalmente nas indústrias de pequeno porte, as ofertas de salários, qualificação e oportunidades de crescimento, não condizem com tal cobrança. Isso demonstra como a maximização dos lucros ainda é peça principal do processo produtivo.

Pelas pesquisas e estudos levantados neste trabalho, pode ser visto como muitas empresas possuem funcionários pouco qualificados ocupando cargos que exigem responsabilidade, iniciativa e autonomia. Segundo o SEBRAE-PR (2007), como são as pequenas empresas as que mais contratam, não se sabe se esse fato ocorre por desconhecimento ou para não onerar a empresa com o pagamento de salários um pouco mais altos para os profissionais com formação.

É fato a importância do setor do vestuário, não só para a economia local, mas para o país, e que apesar dessa importância continua incipiente, pois a maioria das indústrias é de pequeno porte, contam com profissionais com baixa qualificação profissional e seus faturamentos não são significativos se comparado ao restante do Brasil.

Essa questão denota a necessidade de maiores investimentos no setor, a importância de um processo de qualificação de seus profissionais, e principalmente a conscientização das empresas do benefício de ter pessoas especializadas trabalhando para o crescimento da empresa e da economia nacional.

Com o questionário realizado nesse trabalho, pôde-se constatar as ótimas expectativas das empresas, dos profissionais, dos alunos e a visão das instituições que proporcionam o aprendizado, tanto para o crescimento do setor da confecção como do ensino. É visível que o desenvolvimento dos cursos voltados a confecção tende a formar cada vez mais profissionais qualificados, o que dá a confiança de um produto e serviço com maior qualidade.

A pequena e a média empresa ainda demonstram desconfiança quanto ao profissional formado, isso por desconhecerem muitas vezes a real função e qualificação deste, o que se acredita ser melhor absorvido futuramente. A pequena empresa quase sempre abre mão desse profissional por acreditar ter que pagar um salário alto ou que não condiz com suas possibilidades, mas vêem com bons olhos a função do estagiário.

No entanto o que se percebe no geral, é que as empresas não compartilham totalmente das mesmas idéias que as instituições de ensino. Enquanto as empresas gostariam de profissionais já prontos, as instituições têm clara noção de que oferecem uma boa base e que muito do aprendizado se faz devido às experiências adquiridas na prática.

Este fato, tanto para os já formados quanto para os alunos, é na verdade uma forma de aproveitar mão-de-obra barata, mas que é irrelevante, pois estes precisam da oportunidade de aprender e mostrar suas qualificações, garantindo experiência.

As instituições entendem que o ensino oferecido é de ótima qualidade, mas que seria bem vinda uma maior participação das empresas e a avaliação destas quanto aos profissionais para se ter uma idéia maior das mudanças necessárias a serem feitas nos currículos. Da mesma opinião compartilham os alunos e ex-alunos, mas que acham necessárias algumas revisões de ordem curricular.

As entrevistas realizadas forneceram inúmeras e relevantes informações que ajudam a entender melhor o quanto a educação profissional é importante no desenvolvimento de um

país, entendendo que o ensino voltado para esse setor necessita de algumas estruturas onde sejam consideradas as necessidades das indústrias, dos alunos e dos futuros profissionais.

Fica aqui a sugestão para a realização de outras pesquisas sobre as questões da formação profissional e dos impactos causados na indústria do vestuário, não só da região Noroeste do Paraná aqui pesquisada, mas de todo o Brasil. Seria interessante a reformulação do questionário aplicado, tornando-o mais detalhado, com questões objetivas e fechadas, o que facilitaria a aplicação de um maior número de questionários, pois assim a análise poderia se tornar mais fácil e quantitativa, abrangendo maior quantidade de pesquisados. Fica como sugestão também, desenvolver investigações em outras instituições de ensino, indústrias, alunos cursantes e alunos egressos já absorvidos pelas empresas, sobre expectativas, vida profissional e suas interferências no processo de desenvolvimento industrial do setor em questão.

Novos estudos e investigações poderão refletir no avanço das questões relacionadas à interação entre as instituições de ensino, as indústrias e os profissionais, contribuindo assim para o progresso da indústria brasileira do vestuário.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria L. A. **História da educação**. 2 ed. São Paulo: Moderna. 1996. p. 128.

ABIT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL. **Estatísticas da cadeia têxtil**. Disponível em: <http://www.abit.org.br/content/área/Pasta.asp>. Acessado em: 20 mai. 2007.

ABRAVEST – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO VESTUÁRIO. **Estrutura da cadeia industrial têxtil**. Disponível em: <http://www.abravest.org.br/abravest/bancodados.htm>. Acessado em: 13 mai. 2007.

BARDI, P. M. **Mestres, artífices, oficiais e aprendizes no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Ática. 1981. p. 20, 124.

FIEP – FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARANÁ. **Análise conjuntural**. Disponível em: <http://www.fiep.org.br>. Acessado em: 13 mai. 2007.

KELLER, Roberto R. **A qualificação de quem nos veste: um estudo sobre a contribuição de indústrias e escolas para a formação profissional do setor de confecção do vestuário no Paraná**. Curitiba: CEFET – PR. 2005. p. 39.

MANACORDA, Mario A. **História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias**. 11 ed. São Paulo: Cortez. 2004. p. 288.

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Estudo sobre mercado de trabalho como subsídio para a reforma da educação profissional no Estado do Paraná**. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/estudos/estatisticas>. Acessado em: 14 mai. 2007.

RUBEGA, Cristina C.; PACHECO, D. **A formação da mão-de-obra para a indústria química: uma retrospectiva histórica**. Revista Ciência & Educação. Bauru. 2006. v. 6, n. 2, p. 152.

SEBRAE – SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS PEQUENAS EMPRESAS. **Diagnóstico setorial da indústria do vestuário do Estado do Paraná**. Curitiba: SEBRAE – PR, VESTPAR. 2007.

TEXTÍLIA. **História da indústria têxtil no Brasil**. Disponível em: <http://www.textilia.net>. Acessado em: 20 mai. 2007.

VINCENT-RICARD, F. **As espirais da moda**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1989. p. 135.

BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, José A. **A Revolução Industrial**. 1 ed. São Paulo: Ática. 1988.

CUNHA, Luis A. **O ensino profissional na irradiação do industrialismo**. 1 ed. São Paulo: UNESP. 2000.

FISCHLOWITZ, E. **A formação profissional**. São Paulo: Pioneira. 1966.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO VOLTADO ÀS INDÚSTRIAS

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO VOLTADO ÀS INDÚSTRIAS:

A Importância da Formação do Profissional do Setor Têxtil da Confeção do Vestuário **– O Profissional que se Necessita**

1. A EMPRESA

1.1 Razão Social:

1.2 Nome Fantasia:

1.3 Endereço da empresa:

1.4 Tempo em Atividade:

1.5 Linha de Produtos:

1.6 N.º de funcionários:

1.7 N.º de funcionários com formação específica na área de confecção:

2. RESPONDENTE

2.1 Nome:

2.2 Tempo na Empresa:

2.3 Cargo que ocupa:

2.4 Tempo no cargo:

2.5 Escolaridade/Formação:

2.6 Já ocupou outros cargos na empresa? () Sim () Não

2.7 Funções desenvolvidas:

3. PROCESSOS DE CONTRATAÇÃO E AVALIAÇÃO PROFISSIONAL

3.1 Quais os meios utilizados pela empresa para contratar novos profissionais?

3.2 Quais os critérios utilizados para avaliar o desempenho do funcionário?

3.3 A empresa possui plano de carreira? () Sim () Não

3.4 A empresa utiliza alguma estratégia para o aperfeiçoamento profissional de seus funcionários?

4. RELAÇÃO COM AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

4.1 Existem cursos que preparam profissionais que atendam a demanda de sua empresa?

4.2 Quais cursos conhece?

4.3 Como analisa a qualidade do ensino voltado à confecção?

- 4.4 O que acredita estar faltando?
- 4.5 Sua empresa contrata estagiários? Por que?
- 4.6 Caso afirmativo, com que frequência e para quais áreas da empresa?
- 4.7 A empresa se relaciona com alguma instituição de ensino e/ou curso profissionalizante?
- 4.8 Recebe a visita de representantes dessas instituições?
- 4.9 Sua empresa coopera com as instituições? Como?
- 4.10 O que acredita estar faltando para a relação com as escolas e instituições avançar?
- 4.11 Que pontos positivos você percebe no perfil dos profissionais egressos dessas escolas?
- 4.12 O que acredita estar faltando em conhecimentos e habilidades a esses profissionais?
- 4.13 Na sua opinião, como seria o perfil do profissional da área da confecção?

**APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO VOLTADO AOS PROFISSIONAIS
(ALUNOS EGRESSOS)**

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO VOLTADO AOS PROFISSIONAIS (ALUNOS EGRESSOS):

A Importância da Formação do Profissional do Setor Têxtil da Confecção do Vestuário **– O Profissional que se Necessita**

1. RESPONDENTE

- 1.1 Nome:
- 1.2 Escolaridade/Formação:
- 1.3 Empresa onde trabalha:
- 1.4 Tempo na empresa:
- 1.5 Cargo que ocupa:
- 1.6 Tempo no cargo:
- 1.7 Já ocupou outro(s) cargo(s)? Qual (is)?
- 1.8 Quais funções e tarefas na empresa?

2. RELAÇÃO COM A EMPRESA

- 2.1 Você acredita que a empresa aproveita seu potencial pessoal e profissional?
- 2.2 Tem planos de crescimento nessa empresa?
- 2.3 Pretende mudar de setor?
- 2.4 Acredita que seu salário seja compatível com suas funções?

3. RELAÇÃO COM O CURSO E A PROFISSÃO

- 3.1 O que o levou a escolha desse curso?
- 3.2 Qual sua visão sobre o mercado de confecção?
- 3.3 Fez estágio por opção própria, durante o curso? Como foi encaminhado?
- 3.4 Acha importante a realização de estágio? Por que?
- 3.5 Enquanto aluno, qual a avaliação do curso quando fazia?
- 3.6 Enquanto profissional, como avalia o curso que fez?
- 3.7 Acredita que seu curso dá preparação profissional suficiente?
- 3.8 Que sugestões daria no sentido de melhorar o curso que fez?

4. PERSPECTIVAS

- 4.1 Está realizado com sua profissão?

4.2 Tem intenções de mudar de setor futuramente?

4.3 Você acredita no setor de confecção brasileiro?

**APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO VOLTADO AOS COORDENADORES
DE CURSOS**

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO VOLTADO AOS COORDENADORES DE CURSOS:

A Importância da Formação do Profissional do Setor Têxtil da Confecção do Vestuário **– O Profissional que se Necessita**

1. RESPONDENTE

- 1.1 Nome:
- 1.2 Tempo na Escola/Instituição:
- 1.3 Cargo que ocupa:
- 1.4 Tempo no cargo:
- 1.5 Formação:
- 1.6 Já atuou ou atua na área da confecção?

2. CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO

- 2.1 Nome da Escola/Instituição:
- 2.2 Cidade:
- 2.3 Quais os motivos que levaram a instituição ofertar curso(s) na área da confecção?
- 2.4 N.º de docentes envolvidos com a formação profissional para a confecção:
- 2.5 Quais foram as premissas para a determinação das disciplinas e respectivas cargas horárias?
- 2.6 Existe projeto para modificação do currículo?
- 2.7 Quantas vagas são oferecidas por semestre ou anualmente para esse(s) curso(s)?
- 2.8 Quantos alunos são matriculados, semestralmente ou anualmente, e quantos chegam a se formar?

3. RELAÇÃO COM AS INDÚSTRIAS

- 3.1 As indústrias do setor do vestuário participaram ou influenciaram na orientação do currículo?
- 3.2 Seria desejável essa participação?
- 3.3 Acredita que o ensino voltado à confecção supre as necessidades da indústria desse setor?
- 3.4 A instituição mantém contato com as empresas e profissionais egressos?
- 3.5 Como a instituição valida, ou não, as informações fornecidas pelas indústrias?
- 3.6 Como vê a participação das indústrias com essa instituição?

4. PERSPECTIVAS

4.1 Como analisa a qualidade do ensino voltado à confecção? O que acredita estar faltando?

4.2 Como vê a oferta de cursos voltados a confecção no processo de desenvolvimento industrial da região?

4.3 Como vê o futuro da indústria da confecção no Brasil e dos cursos destinados a ela?

**APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO VOLTADO AOS ALUNOS DE
CURSOS**

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO VOLTADO AOS ALUNOS DE CURSOS

A Importância da Formação do Profissional do Setor Têxtil da Confeção do Vestuário **– O Profissional que se Necessita**

1. RESPONDENTE

- 1.1 Nome:
- 1.2 Curso:
- 1.3 Escola/Instituição:
- 1.4 Já concluiu algum outro curso profissional? Qual?

2. RELAÇÃO COM O CURSO

- 2.1 Quais as razões que o(a) levaram a escolher esse curso?
- 2.2 Já trabalhou no setor da confecção antes de fazer o curso?
- 2.3 Trabalha ou faz estágio atualmente? Qual setor? Que função exerce? Como conseguiu?
- 2.4 Caso esteja em alguma empresa, esta o incentiva, oferece treinamento, aprendizado?
- 2.5 Caso tenha mudado de área, por que o fez?
- 2.6 Qual a avaliação do curso que faz (quanto ao currículo, carga horária, docentes, instalações)?
- 2.7 Que sugestões daria no sentido de melhorar o curso?

3. PERSPECTIVAS

- 3.1 Quais suas expectativas quanto ao mercado de trabalho na confecção?
- 3.2 Acredita ter feito a escolha profissional correta?
- 3.3 Tem algum projeto em mente quanto a futura profissão?
- 3.4 Acredita no setor da confecção no Brasil? Quais suas perspectivas para o setor?

APÊNDICE E – CARTA DE COMPROMISSO DE SIGILO

APÊNDICE E – CARTA DE COMPROMISSO DE SIGILO

A Importância da Formação do Profissional do Setor Têxtil da Confecção do Vestuário – O Profissional que se Necessita

Maringá, julho de 2007.

Caro respondente,

Primeiramente, agradeço sua importante colaboração. As respostas a estas questões fazem parte do meu trabalho de conclusão de curso, Engenharia de Produção com ênfase em Confecção Industrial, sobre o tema A Importância da Formação do Profissional do Setor Têxtil da Confecção do Vestuário – O Profissional que se Necessita, realizado junto a Universidade Estadual de Maringá, orientado pelo Prof. Dr. Gilberto Clóvis Antonelli.

Esse trabalho visa caracterizar como estão sendo formados os profissionais atuantes no setor da confecção e vestuário, e se tal formação está sendo satisfatória, atendendo os desejos não só do profissional, mas também do mercado.

Comprometo-me assim, manter em sigilo os nomes dos respondentes e das empresas participantes desta pesquisa e me coloco à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessário.

Atenciosamente,

Vanessa Carnelozzi.

**Universidade Estadual de Maringá
Departamento de Informática
Curso de Engenharia de Produção
Av. Colombo 5790, Maringá-PR
CEP 87020-900
Tel: (044) 3261-4324 / 4219 Fax: (044) 3261-5874**